Ser professor: A primeira experiência

"Relatório de Estágio Profissional, apresentado com vista à obtenção do 2º Ciclo de Estudos conducente ao Grau de Mestre em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, ao abrigo do Decreto-Lei 74/2006, de 24 de março, na redação dada pelo Decreto-Lei 65/2018, de 16 de agosto e do Decreto-Lei nº 79/2014 de 14 de maio."

Orientador: Professor Doutor Amândio Braga Santos Graça

Carlos Filipe Pereira de Amorim

Porto, setembro de 2022

Ficha de catalogação

Amorim, C. F. (2022). "*Ser professor: A primeira experiência".* Porto: Amorim, C.F. Relatório de Estágio Profissional para a obtenção de grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, apresentado à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

PALAVRAS-CHAVE: EDUCAÇÃO FÍSICA; ENSINO; APRENDIZAGEM; ESTÁGIO PROFISSIONAL.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, por sempre me incentivaram a seguir meu rumo e por me apoiarem incondicionalmente em todas as minhas decisões.

À Professora Helena Abrunhosa, sobrecarregada de trabalho durante todo o ano letivo sempre demonstrou total disponibilidade para qualquer ajuda que eu necessitasse. Também por todas as críticas, positivas e negativas que me fizeram melhorar enquanto professor ao longo do ano letivo.

Ao Professor Doutor Amândio, que apesar de ser um acompanhamento mais distante fisicamente, também se encontrava sempre disponível, e por toda a paciência que demonstrou para comigo e com os meus colegas. Por ter sempre uma sugestão e/ou solução para cada problema com que eu me deparei no âmbito do estágio profissional.

Aos meus colegas de núcleo de estágio, que mais parecia uma equipa, dada o espírito de entreajuda que sempre imperou durante o ano, por todas as observações e sugestões que me fizeram com o intuito de poder melhorar a minha ação enquanto professor.

Aos professores do Grupo de Educação Física por me receberem bem na escola e me fazerem sentir como um colega e não apenas como um estagiário.

A todos os alunos da minha Turma Residente, que apesar de “todas as dores de cabeça” que me deram durante algumas aulas, foram fundamentais para a minha evolução pessoal e profissional. Também por todos os momentos fora do contexto de aula onde me fizeram sentir acarinhado e gostado, sentimento que é recíproco.

ÍNDICE GERAL

ÍNDICE GERAL V
ÍNDICE DE QUADROS VII
ÍNDICE DE ANEXOS IX
RESUMO XI
ABSTRACT XIII
LISTA DE ABREVIATURAS XV
INTRODUÇÃO 1
1. ENQUADRAMENTO PESSOAL 3
1.1. Sobre mim 3
1.2 Expetativas Iniciais versus Realidade encontrada 4
1.3 Entendimento de Estágio Profissional 6
2. ENQUADRAMENTO INSTITUCIONAL 9
2.1 A Escola enquanto Instituição 9
2.2 O Agrupamento de escolas 11
2.3 “A segunda casa” 12
2.4 O nosso Núcleo de Estágio 14
2.5 As “minhas” turmas 15
3. ENQUADRAMENTO OPERACIONAL 17
3.1 Organização e gestão do ensino e da aprendizagem 17
3.1.1 A minha conceção 17
3.1.2 Planeamento 19
3.1.3 Realização 29
3.1.4 Modelos de Ensino 34
3.1.5 Avaliação 38
3.1.6 Observação 40
3.1.7 Reflexão 41
4. PARTICIPAÇÃO NA ESCOLA E RELAÇÃO COM A COMUNIDADE 43
4.1 Desporto Escolar 43
4.2 Visitas de Estudo 45
4.2.1 Visita ao Estádio do Futebol Clube do Porto, Dragão Caixa e Museu Futebol Clube do Porto 45
4.2.2 Visita ao Centro Náutico de Ponte de Lima 45
4.2.3 Aula de surf na Praia da Azurara e visita à Nau Quinhentista e Alfândega Régia em Vila do Conde 46
4.2.4 Visita ao Clube de Vela de Viana do Castelo e visita ao Navio-Hospital Gil Eanes: 46
4.2.5 Visita ao Parque Aquático de Amarante 47

4.3 Atividades do GEF 48
Considerações Finais 51
Referências Bibliográficas 53

ÍNDICE DE QUADROS

Figura 1 - Visão, Missão e Valores do Agrupamento 11

Figura 2 - Planeamento Anual Geral 20

Figura 3 - Roulement de Ocupação de Espaços 21

Figura 4 - Planeamento Anual Específico 22

Figura 5 - Exemplo de uma UD 26

Figura 6 - Estrutura utilizada para o Plano de Aula 27

Figura 7 - Modelo de ensino do jogo para a compreensão – TGFU (Bunker & Thorpe, 1982) 35

ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo 1 – Exemplo de Avaliação Diagnóstica XVII

Anexo 2 – Exemplo de Avaliação Sumativa XVIII

Anexo 3 – Ficha Biográfica do Aluno XIX

Anexo 4 – Visitas de Estudo XXI

Anexo 5 – Regulamento Específico da Disciplina de Educação Física XXII

Anexo 6 – Critérios de Avaliação da disciplina de EF XXIV

RESUMO

No presente documento está representada a minha atuação durante todo o ano letivo de estágio. Este documento relata tudo aquilo que foi a minha primeira experiência enquanto professor de Educação Física, bem como as principais tarefas realizadas, as dificuldades sentidas, as reflexões que foram feitas durante o ano e os momentos altos e baixos sentidos na prática.

Este relatório está dividido em 4 áreas: Pessoal, Institucional, Operacional, Participação na Escola e Comunidade.

A área 1 retrata a minha experiência numa vertente mais pessoal, nomeadamente uma breve descrição sobre o meu percurso até ao momento em que iniciei o estágio profissional, as minhas expectativas e entendimento do que viria a ser esta primeira etapa da minha vida profissional enquanto professor. O capítulo seguinte consiste num enquadramento em relação à escola enquanto instituição, aos agrupamento e escola onde realizei o estágio, bem como uma pequena descrição das turmas em que lecionei durante o ano. A terceira área refere-se a todo o planeamento e realização sobre a minha prática profissional, bem como os desafios e dificuldades encontradas ao longo do ano letivo. Finalmente, no último capítulo, apresento as atividades extracurriculares realizadas ao longo do estágio, explicando também a minha contribuição e participação nas mesmas.

Em suma, pretendo aqui relatar e refletir sobre a minha intervenção e participação nas mais variadas vertentes e funções que desempenhei nesta minha primeira experiência enquanto profissional da educação na área da educação física.

PALAVRAS-CHAVE: EDUCAÇÃO FÍSICA, ESCOLA, ESTÁGIO PROFISSONAL, PROFESSOR, REFLEXÃO.

ABSTRACT

In the present document is represented my performance during the school year. This document portrays everything about my first experience as a physical education teacher, as well as the main tasks I've done, all the difficulties I felt, the reflections made during the year and all the highs and lows felt in practice.

This report is divided in 4 areas: Personal, Institutional, Operational, and Participation in School and its Community.

The area 1 portrays my experience in a more personal component, namely a brief description about my journey until the moment in which I began the professional internship, my expectations and understanding of what this first stage of my professional life as a teacher would be.

The next chapter consists in the framework about the school as an institution, the school group and the school in which my internship took place, as well as a small description of the classes that I gave classes to during the year. The third area refers to all the planning and realization about my professional practice, just as the challenges and difficulties I faced throughout the school year. Finally, in the last chapter, I present the extracurricular activities that took place during the internship, also explaining my contribution and participation in these.

Overall, I intend to describe and reflect upon my intervention and participation in the most varied dimensions and functions in which I played a role in my first experience as a professional in the physical education teaching field.

KEYWORDS: PHYSICAL EDUCATION, SCHOOL, PROFESSIONAL INTERNSHIP, TEACHER, REFLECTION.

LISTA DE ABREVIATURAS

AD – Avaliação Diagnóstica

DE – Desporto Escolar

EF – Educação Física

EP – Estágio Profissional

GEF – Grupo de Educação Física

MEC – Modelo de Estrutura do Conhecimento

NE – Núcleo de Estágio

NEE – Necessidades Educativas Especiais

PC – Professora Cooperante

PE – Professor Estagiário

PNEF – Programa Nacional da Educação Física

PO – Professor Orientador

TGFU – Teaching Games for Understanding

TP – Turma Partilhada

TR – Turma Residente

UD – Unidade Didática

INTRODUÇÃO

Nascido na cultura grega, o desporto percorreu ao longo da História várias "etapas", cultivando distintas modalidades ou formas, assumindo finalidades algo particulares ou distintas, que poderemos relacionar com as especificidades de cada época. Seja como for, e por mais óbvio que pareça, uma coisa é certa: algo de intrínseco acompanhou a sua evolução, o gosto do ser humano pelo exercício. E uma conhecida expressão latina parece "legitimar" essa apetência, traduzindo também o espírito que animou os desportistas: *mens sana in corpore sano*.

No âmbito daquelas generalidades está a Educação Física (EF).

Em qualquer circunstância, muito mais atentando no universo escolar onde desenvolvi a ação, esta prática reclama uma pluralidade de metodologias, muitas vezes adaptadas. E, concomitantemente, pedagogias que tenham em conta a diversidade seja ela de natureza etária ou outras.

O Estágio Profissional (EP), que me foi dado frequentar, permitiu-me, em ambiente escolar, exercitar e vivenciar aqueles pressupostos, soberana oportunidade de valorização profissional.

Este relatório tem como base todas as vivências relativas ao meu ano de estágio enquanto Professor Estagiário na escola Pêro Vaz de Caminha, dentro e fora do contexto de aula. É sobretudo um relato na primeira pessoa de todos os momentos importantes desta experiência.

1. ENQUADRAMENTO PESSOAL

1.1. Sobre mim

A minha primeira experiência desportiva estruturada aconteceu muito cedo na minha infância, por iniciativa dos meus pais, tendo iniciado a natação aos 5 anos de idade até aos 11. Durante este percurso comecei também a prática do basquetebol durante dois anos, desde os 9 até aos 11 anos de idade.

Nessa altura, como a minha vontade era praticar futebol, os meus pais acederam finalmente ao meu pedido e estive envolvido na modalidade até aos 13 anos. Mais tarde, e devido a uma constante vontade de experimentar novas modalidades a minha vontade era experimentar a modalidade de Surf, mas como não me foi permitido, decidi praticar ténis e no ano seguinte futsal. Para terminar, e até ao momento em que entrei no ensino superior estive mais 3 anos a praticar futebol.

A nível académico, fiz a minha licenciatura na Escola Superior de Desporto e Lazer, pertencente ao Instituto Politécnico de Viana do Castelo, esta foi precisamente a única opção que coloquei na minha candidatura ao ensino superior, devido à enorme variedade de oferta de modalidades presente no curso em relação a todas as outras instituições de ensino superior na área do Desporto.

Finalmente, depois de terminada a licenciatura e como já tinha o desejo de vir a ser Professor de EF desde que parti para a licenciatura, a decisão a tomar foi bastante simples visto que a única opção que havia era enveredar por este novo desafio e integrar este Mestrado.

1.2 Expetativas Iniciais versus Realidade encontrada

Desde o começo deste mestrado que ansiava pelo momento de iniciar o estágio. Apesar de este representar o desafio mais exigente destes dois anos, sabia também que seria aquele que me iria proporcionar as mais variadas experiências e, com certeza, mais aprendizagens me traria tanto a nível profissional bem como a nível pessoal.

Antevia, com alguma confiança, que iria conseguir superar este desafio, no entanto, tinha também algumas preocupações sobre o facto de estar ou não completamente preparado para o que me esperava. Obviamente que ninguém é possuidor de todo o conhecimento que implica o exercer de qualquer que seja a profissão em causa, e sabia que, com bastante estudo e empenho, certamente iria conseguir estar à altura.

O ponto em que poderia ter maiores dificuldades ou que sentia que poderia estar menos preparado para lidar, seria a capacidade de gerir e liderar, de forma perfeita, uma turma que viesse a revelar-se mais complicada. Isto porque, mesmo tendo eu realizado um percurso ao nível do treino com crianças e jovens, foi num contexto totalmente diferente no qual todos os miúdos estavam lá por vontade própria e todos eles com motivação para aprender, onde tive também a sorte de ter tido grupos muito bons no que diz respeito às questões de comportamento e disciplina.

Dito isto, parti para este ano de estágio com a perfeita noção da responsabilidade que ele iria implicar, sabendo que iria influenciar de alguma forma cerca de 20 indivíduos que estariam a entrar na fase da adolescência e como tal, ainda não se encontravam totalmente desenvolvidos.

Antes mesmo de ter conhecido a turma que me foi distribuída, já partia com a ideia de que seria um desafio bastante exigente, que iria obrigar a um trabalho meticuloso, dedicação e estudo por forma a conseguir ser o mais assertivo possível, promover experiências positivas aos alunos e contribuir para a sua formação pessoal e social.

Lembro-me perfeitamente, como se tivesse sido ontem, o impacto que teve em mim o momento em que tive conhecimento da turma que me foi atribuída e as principais caraterísticas da mesma, bem como a primeira aula em que tive a oportunidade de os conhecer pessoalmente. Foram estes dois momentos que

me deram uma ideia melhor dos desafios que iria ter pela frente e que seriam ainda mais exigentes do que o que eu já perspetivava.

Após conhecer a turma, fiquei a perceber que o desafio que iria ter pela frente iria ser ainda mais difícil, devido ao facto de ser uma turma complicada e que, na sua generalidade, parece ter pouca predisposição e gosto pela Educação Física. Para além disto, tomei conhecimento que iria ter dois alunos em cadeira de rodas e o facto de não ter qualquer tipo de experiência em lidar com alunos com estas dificuldades, muito menos numa aula de Educação Física, seria mais um acréscimo de dificuldade para este meu percurso.

Plano de Formação Individual, setembro de 2018

Inclusivamente, fiquei também a saber que a ideia para esta turma, devido ao mau comportamento e fraco aproveitamento que os alunos apresentavam, era ser desfeita e os alunos seriam integrados em turmas diferentes. No entanto, e devido ao facto de, na última reunião de conselho de turma, o assunto não ter ficado exarado em ata, esta informação não chegou à Equipa de Elaboração das Turmas. Assim sendo, a turma acabou por se manter.

1.3 Entendimento de Estágio Profissional

Segundo Matos (2016), o Estágio Profissional é um projeto de formação do estudante tendo presente a integração do conhecimento proposicional e prático indispensável ao professor, numa interpretação atual da relação teoria prática e contextualizando o conhecimento no espaço escolar.

O EP é composto por duas componentes, sendo estas a Prática de Ensino Supervisionado e a elaboração do respetivo relatório de estágio.

Batista e Queirós (2013) afirmam que "a experiência prática de ensino em contexto real é reconhecida como uma das componentes mais importantes nos processos de formação inicial de professores".

Concordo totalmente com esta afirmação, considerando ainda que o Estágio é uma plataforma essencial e, na minha opinião, a mais importante para iniciar a vida profissional como professor de EF, visto que é ele que nos permite pela primeira vez, exercer a profissão, em contexto real, com todas as exigências e desafios que estão associados ao ensino.

Acredito que sem esta componente, apesar de ser possível adquirir um conjunto de competências teóricas que advêm das diferentes unidades curriculares, não haveria a possibilidade de colocar todo esse conhecimento adquirido em prática nem de ter a perfeita noção de todo o trabalho que um professor tem a seu cargo durante um ano letivo.

Foi através do Estágio que tive a oportunidade única de integrar a comunidade educativa e a realidade do ensino, desta vez, enquanto professor, ainda que estagiário, e através desta função, relacionar-me com alunos, restantes professores, encarregados de educação e funcionários sendo assim confrontado com todos os problemas e questões da profissão (Batista & Queirós, 2013), profissão esta que é aquela que, desde que me lembro, pretendo desempenhar no futuro.

Pessoalmente, encarei este desafio com a noção de que este poderia muito bem ser o maior desafio com o qual já me tinha deparado até ao momento.

Mentalizei-me, mesmo antes de ter começado o estágio propriamente dito, para a possibilidade de passar por momentos complicados durante o ano letivo, inclusivamente, momentos de frustração e momentos em que poderia ter vontade de desistir, por mais bem preparado que pudesse pensar que estaria.

No entanto, com o desejo que tenho de ser professor, nunca tive dúvidas que, por muito que errasse e que a realidade fosse bem mais difícil do que poderia prever, esse objetivo se iria sobrepor a todos momentos menos bons e o meu propósito seria atingido.

2. ENQUADRAMENTO INSTITUCIONAL

2.1 A Escola enquanto Instituição

O sistema educativo em Portugal, divide-se em diferentes níveis de ensino, começando na educação pré-escolar, passando pelos ensinos básico e secundários, ensinos onde esta experiência de estágio teve lugar, ensino pós-secundário não superior e finalmente, o ensino superior, o qual continuo a frequentar.

O sistema educativo é "um conjunto de meios pelo qual se concretiza o direito à educação, que se exprime pela garantia de uma permanente ação formativa orientada para favorecer o desenvolvimento global da personalidade, o progresso social e a democratização da sociedade" (LBSE, 2005)

Pereira (2004), afirma que "o contexto escolar proporciona oportunidades de experiências relacionais, sociais e pedagógicas que são fundamentais para o crescimento do indivíduo".

Assim que comecei a escrever sobre qual é o papel da Escola na vida de qualquer indivíduo, dei por mim a pensar de como seria a vida de um ser humano sem nunca sequer ter passado por uma escola. Primeiramente a nível social e relacional… Ainda que tudo comece num nível mais abaixo como são as Creches e/ou Jardins de Infância, se não fosse a escola, onde é que uma criança iria aprender a interagir e se relacionar com outras crianças da sua idade? Onde é que iria aprender essas mesmas coisas, senão num contexto em que está rodeada por tantas outras crianças? Porque é bastante diferente relacionar-se apenas com uma outra criança do que começar desde pequeno a aprender a estar num ambiente onde têm que lidar com muitas outras pessoas.

Em segundo, a nível pedagógico, onde é que uma criança iria aprender as letras, o abecedário… aprender a ler? E tantos outros conteúdos que mesmo sendo através de "brincadeiras" se aprende desde a Creche. Bem sei que a nível pedagógico é possível aprender os mesmos conteúdos em casa, nomeadamente através de um tutor devidamente qualificado para o efeito, no entanto ficariam sempre a faltar todas as outras experiências que a Escola proporciona a todos os outros níveis que não o pedagógico.

Ribeiro et al. (2010) afirmam que, a sociedade concede à escola o papel de educar e referem-se a esta como o local onde se reflete o desenvolvimento da sociedade.

2.2 O Agrupamento de escolas

O Agrupamento de Escolas Pêro Vaz de Caminha é composto por quatro estabelecimentos de ensino, dos quais um é do 2º e 3º ciclos e três do 1.º ciclo, com Jardins de Infância:

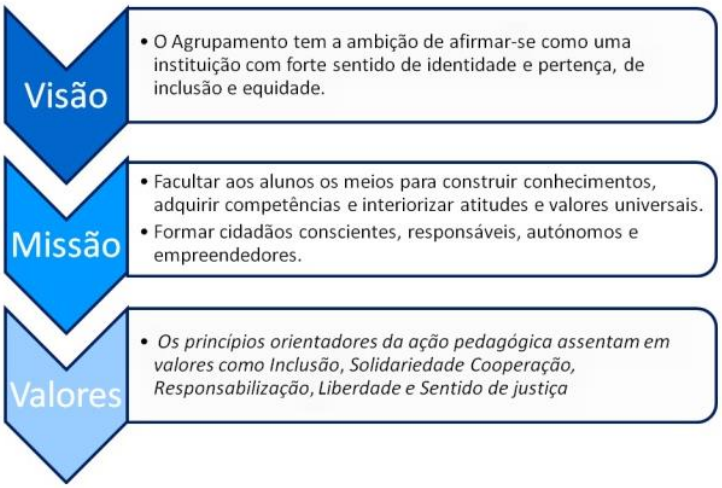
EB2/3 Pêro Vaz de Caminha, EB1/JI da Agra, EB1/JI S. Tomé e EB1/JI dos Miosótis.

O Núcleo de Estágio (NE) leciona em todas as escolas deste agrupamento, na Escola EB2/3 Pêro Vaz de Caminha (anexo 1), cada um de nós tem a sua Turma Residente (TR), de terceiro ciclo e partilhamos uma segunda turma, sendo esta de segundo ciclo.

Na Escola dos Miosótis, eu e o Rúben lecionamos a aula Expressão Físico-Motora a turmas de 4º ano de escolaridade, enquanto o Simão e o André, lecionam a mesma disciplina a turmas de 4º ano em cada uma das outras escolas.

O Agrupamento de Escolas Pêro Vaz de Caminha pretende promover, lógicas de escola aprendente que reflete sobre as suas opções se repensa e equaciona a cada momento. Foi definido neste contexto a visão, missão e os valores do agrupamento, que orientam o trabalho educativo.[1]

Figura 1 - Visão, Missão e Valores do Agrupamento



[1] Projeto Educativo – TEIP 2017-2021, "Caminhar para o Sucesso", Agrupamento de Escolas Pêro Vaz de Caminha

2.3 "A segunda casa"

Através do concurso realizado entre os estudantes do curso, foi-me atribuído o Agrupamento de Escolas Pêro Vaz de Caminha, para a realização do meu estágio. Eu não conhecia rigorosamente nada do que diz respeito a este Agrupamento de Escolas, como tal, nos dias que antecederam a primeira visita à escola, senti-me um pouco ansioso para começar a conhecer e descobrir o local onde iria passar todo o ano letivo.

A primeira impressão, nomeadamente no que diz respeito às condições de trabalho que iria ter para o desempenho das minhas funções, foi bastante positiva e bem melhor do que aquela que eu antecipava.

"(…) ao visitar o pavilhão, local onde eu, como professor estagiário de educação física iria passar mais tempo, fiquei bastante surpreendido com a qualidade e amplitude do espaço.

Fiquei também contente por saber que em cada aula, não teria que partilhar o espaço com outras turmas, o que foi um ponto bastante positivo. No entanto fiquei também a conhecer que as aulas não serão todas no mesmo local, em cada semana uma das aulas será realizada no pavilhão e a outra, no Ginásio (local onde se pode lecionar qualquer tipo de aulas, à exceção dos desportos com bola) ou no exterior."

Diário de Bordo, 5 de setembro de 2018

A Escola EB2/3 Pêro Vaz de Caminha foi o local onde passei quase a totalidade do tempo de Estágio, tendo apenas passado uma hora por semana na Escola EB/1 dos Miosótis com o intuito de lecionar uma aula de Expressão Físico-Motora a uma turma de 4º ano de escolaridade.

Esta escola nasceu no ano de 1970, inicialmente não possuía instalações próprias, sendo que as suas atividades tinham lugar em duas antigas casas particulares, estendendo-se no ano seguinte a uma terceira casa.

Finalmente, em 1987 a Pêro mudou-se para o espaço onde se encontra atualmente, na Rua da Telheira, Amial.

O edifício atual contém quatro blocos onde trabalham cerca de 90 professores e 750 alunos. O espaço exterior deste estabelecimento de ensino é constituído por um campo de jogos com duas balizas de futsal, 4 tabelas de

basquetebol e uma caixa de areia e desde 2002 que tem também um pavilhão gimnodesportivo. O pavilhão existe desde setembro de 2002 e contém um espaço amplo com 2 balizas e 4 tabelas de basquetebol e ainda um espaço mais pequeno, mais direcionado para a prática de modalidades como por exemplo a Ginástica e Dança.

2.4 O nosso Núcleo de Estágio

A única certeza que eu tinha à partida para o ano de estágio era que iria reencontrar um colega de turma do ano anterior e partilhar esta experiência com alguém que já conhecia, algo que foi, desde logo, um ponto positivo dentro de todo o desconhecimento sobre tudo o que dizia respeito ao que iria ter pela frente neste ano.

O NE onde fiquei inserido era composto por mim, pelo Rúben e outros dois colegas que ainda não conhecia, o André e o Simão.

Em relação aos docentes, fez também parte deste NE a Professora Helena enquanto Professora Cooperante (PC) que nos acompanhou diariamente do primeiro ao último dia. O Professor Orientador (PO) foi o Professor Amândio que apesar de nos acompanhar à distância, também desde o primeiro dia se mostrou disponível para nos ajudar com tudo o que precisássemos no âmbito desta nossa primeira experiência enquanto Professores.

Pessoalmente, o mais importante e o que mais me fortaleceu durante todo o ano de Estágio foi a relação de amizade e entreajuda que foi desenvolvida com os meus colegas de NE durante todo ano. Sempre existia um conselho, uma palavra de conforto ou incentivo a dar em caso de necessidade e a partilha e o trabalho colaborativo foram o mote desta equipa.

Obviamente que não posso descurar o papel e a influência positiva que ambos os PC e PO tiveram em todo este processo, nomeadamente a Professora Helena que sempre nos apoiou, e aconselhou sobre as melhores formas de agir e desempenhar o nosso papel enquanto Professores Estagiários (PE) ainda que nos tenha dado total liberdade para aplicarmos as nossas ideias e estratégias da forma que melhor entendêssemos.

A confiança que a PC sempre transmitiu foi de uma importância extrema, na medida em que elevou a minha auto estima e confiança motivando-me a colocar em prática as minhas ideias. Apesar disso, utilizando toda a sua experiência acumulada, alertava-nos para a possibilidade de algumas das nossas ideias poderem não terem o efeito desejado, tendo em conta as caraterísticas de cada uma das turmas, mas sem nunca nos impedir de tentar.

2.5 As “minhas” turmas

A minha TR (7ºC) era constituída por dezoito alunos, sendo constituída por 10 alunos do sexo masculino e 8 alunos do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 11 e os 16 anos, sendo que apenas 3 alunos têm mais de 13 anos, uma aluna com 16 e dois alunos com 14. Ao nível das características individuais importa destacar que a turma integrava três alunos ao abrigo do Decreto-lei nº57/2018, um deles com Dislexia e alterações emocionais frequentes, e dois alunos que se deslocam em cadeira de rodas. No que diz respeito ao número de retenções, apenas uma aluna era repetente neste ano de ensino. Um indicador não muito positivo é que menos de metade da turma pratica desporto fora da escola (7 alunos) enquanto os restantes referiram nos questionários realizados na primeira aula, que não praticam qualquer tipo de atividade física.

Como Turma Partilhada (TP) o meu NE teve o 5ºA. Esta turma demonstrou desde o início do ano letivo ser uma turma completamente oposta à minha TR e mesmo em relação à maior parte das turmas desta escola, sobretudo no que diz respeito ao comportamento, participação e empenho na aula de EF.

Grande parte dos alunos desta turma transitaram do 4º ano de escolaridade com avaliação de “Muito Bom” e era esperado que se revelassem como uma das melhores turmas da escola ao nível do aproveitamento e isso veio a confirmar-se ao longo do ano.

Ao nível das características individuais importa destacar que a turma integrava dois alunos ao abrigo do Decreto-lei nº57/2018, tendo um aluno com dificuldades cognitivas e uma aluna com défice de atenção que requerem, portanto, alguma atenção especial no decorrer das aulas.

3. ENQUADRAMENTO OPERACIONAL

3.1 Organização e gestão do ensino e da aprendizagem

3.1.1 A minha conceção

3.1.1.1 Programa nacional de EF

O Programa Nacional de Educação Física (PNEF) era aquele instrumento que imaginava que seria o meu guia durante todo o ano letivo, nomeadamente no que diz respeito à preparação para os conteúdos que iria lecionar e ao planeamento para cada Unidade Didática (UD) durante esta primeira experiência enquanto professor. Tinha a expectativa que seria através do programa nacional que iria conseguir planear, para depois colocar em prática, e no final, também através do programa, avaliar se realmente consegui passar para os meus alunos e atingir todos os objetivos que o PNEF propõe para os anos de escolaridade onde iria lecionar.

Tinha perfeita noção que o PNEF não era a "lei", não era algo que tinha que cumprir escrupulosamente e sem me desviar um milímetro do que lá estava escrito. Sabia bem que teria que fazer uma observação do contexto, para perceber em que nível se encontravam os meus alunos e quais as aprendizagens essenciais de que necessitavam, bem como os conteúdos que necessitava de transmitir. Felizmente para mim, a primeira modalidade que tive oportunidade de lecionar foi o Basquetebol, uma modalidade que pratiquei durante anos e na qual já trazia um conhecimento elevado em relação a outras modalidades.

Antes da aula de Avaliação Diagnóstica (AD) procurei perceber qual seria o suposto ponto de partida dos alunos no que diz respeito a esta modalidade, e criar uma grelha para poder observar no dia da AD se os alunos preenchiam estes requisitos.

Chegado o dia da AD propriamente dita com a minha turma de 7º Ano, rapidamente me apercebi que tinha alunos em 3 estados diferentes no que diz respeito ao nível das competências técnicas e táticas da modalidade. Tinha um pequeno grupo de alunos que se situava no que o PNEF indica ser o "Nível Introdução" para o 6º ano de escolaridade. Outro grupo de alunos que se situavam abaixo desse nível e ainda um grupo de alunos que desconheciam por completo a regra dos apoios, não esboçavam qualquer atitude defensiva quando não tinham a posse de bola, e quando na posse da mesma, nem se

enquadravam com o cesto nem sequer utilizavam o recurso do drible, sempre que recebiam a bola procuravam, urgentemente, livrar-se dela.

Daí, percebi que não me poderia guiar pelos objetivos presentes no PNEF e que teria que restruturar tudo o que já estava planeado, ajustando assim os objetivos e o processo de ensino-aprendizagem para as necessidades de aprendizagem que os alunos demonstravam.

3.1.2 Planeamento

3.1.2.1 Planeamento Anual

Bento (2003) afirma que, o professor não está nem pode ser dispensado da planificação do seu ensino.

O Planeamento Anual foi algo que já estava definido à partida pelo Grupo de Educação Física (GEF). As modalidades que iriam ser lecionadas em cada um dos períodos e o número de aulas alocado a cada uma delas também estava definido, ainda que, se fosse devidamente justificado, este número de aulas poderia ser ligeiramente ajustado. Este ajustamento poderia ser feito tendo em conta o *Roulement* de ocupação de espaços, ou no caso de perder algumas aulas de determinada UD, retirar um número de aulas da outra UD que estaria a lecionar na mesma altura, de forma a equilibrar o número de aulas disponível para cada uma destas.

Assim, a minha função em relação ao Planeamento Anual, foi analisar o *Roulement* para saber em que dias teria aula no Ginásio, espaço este onde não podia lecionar nenhuma modalidade coletiva ou que envolvesse utilização de certos tipos de materiais como bolas, reservando para este espaço modalidades mais individuais como Badmínton, Dança, Ginástica e etc. Sendo que os desportos coletivos teriam que ter lugar no Pavilhão.

Os documentos que nos foram entregues, de forma a cada um dos PE poderem criar o seu planeamento anual específico foram os seguintes:

Figura 2 - Planeamento Anual Geral

	2ºCEB		3ºCEB
	5ºano	**6ºano**	
1ºPeríodo	Aptidão Física (4)	Aptidão Física (4)	Aptidão Física (3)
	Atletismo (12) Salto em comprimento Corrida de velocidade Lançamento da bola	Atletismo (12): Salto em altura/tesoura Corrida de precisão Lançamento do peso	Basquetebol (12)
	Badminton (11)	Badminton (11)	Atletismo (12) **7º ano:** Salto comprimento corridas estafetas lançamento do peso **8º ano:** Salto em altura (fosbury flop) corrida de barreira lançamento do dardo **9º ano:** Triplo salto Velocidade/barreiras Peso e dardo
	Jogos (12)	Basquetebol (12)	Tag-Rugby (12)
Nº total de aulas: **39 /26 (8º ano)**			

	2ºCEB		3ºCEB		
	5º ano	**6º ano**	**7ºano**	**8ºano**	**9ºano**
2ºPeríodo	Futebol (8)	Futebol (10)	Andebol (8)	Futebol (08)	Futebol (8)
	Dança (8)	Dança (08)	Badminton (08)	Badminton (8)	Badminton (8)
	Ginástica (10) **Solo:** Rolamento engrupado F/R Pino de cabeça Elementos de equilíbrio, flexibilidade e ligação **Aparelhos:** Salto de eixo boque	Ginástica (12) **Solo:** Rolamento MI afastados F/R roda Elementos de equilíbrio, flexibilidade e ligação **Aparelhos:** Minitrampolim	Ginástica (10) **Solo:** Rolamentos Pino de braços Roda Elementos de equilíbrio, flexibilidade e ligação. **Aparelhos:** Saltos de eixo e entre-mãos no boque e plinto	Ginástica (10) **Solo:** Acrobática **Aparelhos:** Minitrampolim	Ginástica (10) **Solo:** Rolamento MI estendidos F/R Rondada Coreografia de grupo com todos os elementos gimnicos
	Andebol / Natação (12)	Andebol (8)	Natação (12)		Natação (12)
Nº total de aulas: **38 /26 (8ºano)**					

	2ºCEB		3ºCEB		
	5º ano	**6ºano**	**7ºano**	**8ºano**	**9ºano**
3ºPeríodo	Voleibol (10)	Voleibol (10)	Voleibol (10)	Andebol (7)	Voleibol (10)
	Luta (10)	Luta (10)	Dança (10)	Dança (6)	Dança (08)
	Aptidão Física (4)	Aptidão Física (4)	Aptidão Física (4)	Aptidão Física (3)	Aptidão Física (3)
Nº total de aulas: **16 (8º)**; **21 (9º) e 24 (5º,6º, 7º)**					

Figura 3 - Roulement de Ocupação de Espaços

Horas	2ª Feira		3ª Feira		4ª Feira		5ª Feira		6ª Feira	
	Pav.	Gin./Ext.	Pav.	Gin./Ext.	Pav.	Gin./Ext.	Pav.	Gin./Ext.	Pav.	Gin./Ext.
8h25 - 9h15	9ºD	6ºC	5ºA	6ºB	6ºB	9ºD	9ºC	7ºD	9ºA	7ºA
9h25 - 10h15	9ºD	6ºC	5ºA	6ºB	6ºB	9ºB	9ºC	7ºD	9ºA	7ºA
10h30 -11h20	8ºC	8ºB	7ºC	5ººD	7ºA	8ºC	8ºB	5ºA	6ºD	8ºA
11h30 -12h20	9ºB	5ºC	7ºD	6ºA	8ºA	5ºE	5ºD	7ºC	7ºE	7ºB
12h30 - 13h20	9ºB	5ºC	7ºE	6ºA	7ºB	5ºE	5ºD	7ºC	7ºE	7ºB
13h30 - 14h20										
14h30 - 15h20			5ºB	9ºC		9ºA	5ºC	6ºE		
15h35 - 16h25			5ºB			6ºD	6ºA	6ºE		
16h35 - 17h25			6ºE			6ºD	5ºE	5ºB		
17h35 - 18h25										

Aurora Baptista	
Helena Abrunhosa	André Alves
Rui Sardinha	Filipe Amorim
Mª Helena Costa	Rúben Monteiro
Patrícia Gonçalves	Simão Madureira

Semanas Correspondentes	1º período	2º período	3º período
	17/09 a 21/09	07/01 a 11/01	2904 a 3/05
	1/10 a 4/10	21/01 a 25/01	13/05 a 17/05
	15/10 a 19/10	04/02 a 08/02	27/05 a 31/05
	29/10 a 2/11	18/02 a 22/02	11/06 a 14/06
	12/11 a 16/11	7/03 a 08/03	
	26/11 a 30/11 e 10 a 14/12	18/03 a 22/03 e 1/4 a 5/4	

De referir também que os números alocados a cada uma das modalidades não correspondia exatamente ao número de aulas reais que iriamos ter, isto porque não estavam contabilizadas neste documento as visitas de estudo e restantes atividades que viriam a ter lugar durante todo o ano letivo no horário das aulas.

Dando também um exemplo claro de contratempos que aconteceram durante o ano, pode-se observar que o número de aulas disponíveis para o 7º de escolaridade no 3º período letivo seriam 10 para o Voleibol, 10 para a Dança e 4 para a Aptidão Física, destas lecionei apenas 2 aulas de Voleibol, 1 aula de Dança e 2 de Aptidão Física. Esta situação aconteceu por vários motivos, entre os quais visitas de estudo, provas de aferição, o “Dia da Sapatilha” e para piorar, uma inundação que ocorreu no Pavilhão/Ginásio, que a certa altura nos impediu de utilizar estes espaços e de lecionar qualquer aula até ao final do Ano Letivo.

Este foi o Roulement definido para as semanas indicadas na tabela “Semanas Correspondentes”, obviamente nas semanas que não estão mencionadas na tabela, a ocupação de espaços era a inversa, quem tinha aula num determinado dia no Ginásio, na semana seguinte teria essa mesma aula no Pavilhão e vice-versa.

A partir destes dois documentos, a tarefa que nos cabia cumprir era realizar o planeamento anual específico para cada uma das nossas turmas e, em conjunto, para a TP.

“O ensino é criado duas vezes, primeiro na conceção e depois na realidade” (Bento, 2003). Diria também que para além de ser criado duas vezes, é modificado milhares de vezes.

O documento que criei para o planeamento anual específico da minha turma, foi o documento que alterei mais vezes ao longo do ano, foi rara a semana que consegui cumprir tal e qual como estava planeada inicialmente, devido a todos os constrangimentos previamente citados.

A versão final do documento foi a seguinte:

Figura 4 - Planeamento Anual Específico

1.º Período					
Mês	**Semana**	**Dia**	**Aula**	**Unidade Didática**	**Espaço**
Setembro	1ª Semana	18	1	Apresentação/Aptidão Física	P
		20	2 e 3	Aptidão Física	G
	2ª Semana	25	4	Atletismo	G
		27	5 e 6	Basquetebol	P
Outubro	1ª Semana	2	7	Basquetebol	P
		4	8 e 9	Atletismo	G
	2ª Semana	9	10	Atletismo	G
		11	11 e 12	Basquetebol	P
	3ª Semana	16	13	Basquetebol	P
		18	14 e 15	Atletismo	G
	4ª Semana	23	16	Atletismo	G
		25	17 e 18	Basquetebol	P
	5ª Semana	30	19	Sem Aula	P
		1	F	Feriado	F
Novembro	1ª Semana	6	20	Atletismo	G
		8	21 e 22	Basquetebol	P
	2ª Semana	13	23	Basquetebol ou Atletismo	P
		15	24 e 25	Atletismo	G

	3ª Semana	20	26	Tag-Rugby	G
		22	27 e 28	Tag-Rugby	P
	4ª Semana	27	29	Tag-Rugby	P
		29	30 e 31	Tag-Rugby	G
Dezembro	1ª Semana	4	32	Tag-Rugby	G
		6	33 e 34	Tag-Rugby	P
	2ª Semana	11	35	Tag-Rugby	P
		13	36 e 37	Torneio de Tag-Rugby	G

2º Período

Mês		Dia	Aula	Unidade Didática	Espaço
Janeiro	1ª Semana	3	38 e 39	Andebol	P
	2ª Semana	8	40	Andebol	P
		10	41 e 42	Ginástica	G
	3ª Semana	15	43	Mega-Sprint	G
		17	44 e 45	Andebol	P
	4ª Semana	22	46	Andebol	P
		24	47 e 48	Ginástica	G
	5ª Semana	29	49	Ginástica	G
		31	50 e 51	Andebol	P
Fevereiro	1ª Semana	5	52	Andebol	P
		7	53 e 54	Ginástica	G
	2ª Semana	12	55	Ginástica	G
		14	56 e 57	Andebol / Badminton	P
	3ª Semana	19	58	Badminton	P
		21	59 e 60	Natação	G
	4ª Semana	26	61	Badminton	G
		28	62 e 63	Natação	P
Março	1ª Semana	C	C	Carnaval	P
		7	64 e 65	Natação	G
	2ª Semana	12	66	Badminton	G
		14	67 e 68	Natação	P
	3ª Semana	19	69	Badminton	P
		21	70 e 71	Natação	G
	4ª Semana	26	72	Badminton	G
		28	73 e 74	Natação	P
Abril	1ª Semana	2	75	Badminton	P
		4	76 e 77	Torneio De Futebol	

3º Período					
Mês	**Semana**	**Dia**	**Aula**	**Unidade Didática**	**Espaço**
Abril	4ª Semana	23	78	Dança	G
		25	F	Feriado	P
	5ª Semana	30	79	Voleibol	P
Maio	1º Semana	2	80 e 81	Visita Estudo	G
	2º Semana	7	82	Aptidão Física	G
		9	83 e 84	Voleibol / Aptidão Física	P
	3ª Semana	14	85	Sem Aula	P
		16	86 e 87	Dia da Sapatilha	G
	4ª Semana	21	88	Provas de Aferição	G
		23	89 e 90	Sem Aula	P
	5ª Semana	28	91	Provas de Aferição	P
		30	92 e 93	Sem Aula	G
Junho	1ª Semana	4	94	Sem Aula	G
		6	95 e 96	Provas de Aferição	P
	2ª Semana	11	97	Flexibilidade Curricular	P
		13	98 e 99	Torneio Badminton	G

Para a criação do planeamento anual específico da TP, o procedimento foi exatamente o mesmo, mas feito em grupo com todos os membros do NE, e teríamos apenas que definir em conjunto quem ficaria responsável por lecionar cada uma das modalidades presentes no planeamento anual geral. Cada um, de acordo com os restantes, escolheu a modalidade que pretendia lecionar, e como sempre aconteceu durante o ano letivo, quando não estávamos de acordo, resolvemos facilmente o "problema" e, sem qualquer tipo de dificuldade, definimos quem ficava com cada uma delas.

A partir daí, cada um começou a planear a UD das respetivas modalidades.

3.1.2.2 Unidade Didática

Finalizado o planeamento anual, seguia-se a criação das diferentes unidades didáticas, para elaborar cada UD utilizei como base o Modelo de

Estrutura de Conhecimentos (MEC) proposto por Vickers (1990).

O MEC é uma estruturação da matéria que "reflete um pensamento transdisciplinar, identifica as habilidades e estratégias de uma modalidade e mostra como conceitos das ciências do desporto influenciam o processo de ensino-aprendizagem" (Mesquita & Graça, 2009).

O objetivo do MEC é facilitar e garantir o sucesso do processo de ensino-aprendizagem de determinada modalidade, a existência do MEC é justificada pela necessidade de basear o ensino em objetivos precisos, na tentativa de transmitir, aos alunos, os conteúdos de forma sistematizada.

Este documento foi também realizado para cada uma das UD a lecionar, com objetivo de definir objetivos precisos na atuação do professor, mas sobretudo para discriminar todos os conteúdos que se pretende passar aos alunos nas mais diversas vertentes no que diz respeito às habilidades motoras, cultura desportiva, condição física e conceitos psicossociais.

O MEC foi dividido por mim em 8 módulos: Análise da modalidade em Estrutura do Conhecimento; Análise das condições de aprendizagem; Análise dos Alunos; Determinação, extensão e sequência dos conteúdos; Definição dos objetivos; Configuração da avaliação; Progressões de aprendizagem; e Aplicação.

Em relação à criação e planeamento das UD, a maior dificuldade prendeu-se com o facto de nunca haver certeza do número de aulas que iria ter disponíveis para cada uma delas. Nas primeiras UD pretendia fazer tudo "by the book" incluindo momentos formais de AD nas primeiras aulas e momentos de Avaliações Sumativas nas aulas finais de cada uma das modalidades a lecionar. Pretendia também realizar uma Avaliação Formativa principalmente no que diz respeito aos aspetos relacionados com a Condição Física, Conceitos Psicossociais e Cultura Desportiva.

Mesmo antes de terminar de lecionar as duas primeiras UD, que ocorreram em simultâneo, já começava a perceber que a abordagem em relação às seguintes UD iria ter de ser alterada. Em primeiro lugar, parti para as primeiras UD com demasiado otimismo, querendo planear e lecionar, em UD com tão poucas aulas disponíveis, demasiados conteúdos. E mesmo estes conteúdos, que eu já considerava serem demasiados, não eram tantos como o PNEF indica que se deva lecionar no 7º ano de escolaridade. Também o facto de "perder"

uma aula para a AD e outra para a Avaliação Sumativa, seria algo que teria de rever, porque na minha opinião não se justifica despender 2 aulas da UD para este efeito, restando-me depois apenas 5/6 aulas para que os alunos pudessem para aprender tudo o que estava planeado.

Figura 5 - Exemplo de uma UD

<table>
<tr><td colspan="4">Datas</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr>
<tr><td colspan="4">Aulas</td><td>1</td><td>2 e 3</td><td>4 e 5</td><td>6</td><td>7 e 8</td><td>9</td></tr>
<tr><td colspan="4">Tempo</td><td>50'</td><td>100'</td><td>100'</td><td>50'</td><td>100'</td><td>50’</td></tr>
<tr><td colspan="4">Espaço</td><td>Pav</td><td>Pav</td><td>Pav</td><td>Pav</td><td>Pav</td><td></td></tr>
<tr><td rowspan="12">Habilidades Motoras</td><td rowspan="6">Técnica</td><td colspan="2"></td><td rowspan="12">Avaliação Diagnóstica</td><td>I/E</td><td></td><td></td><td></td><td rowspan="12">Avaliação Sumativa</td></tr>
<tr><td colspan="2"></td><td>I/E</td><td></td><td></td><td></td></tr>
<tr><td colspan="2"></td><td>I/E</td><td></td><td></td><td></td></tr>
<tr><td colspan="2"></td><td></td><td>I/E</td><td></td><td></td></tr>
<tr><td colspan="2"></td><td></td><td>I/E</td><td>E</td><td>E</td></tr>
<tr><td colspan="2"></td><td>I/E</td><td>E</td><td></td><td></td></tr>
<tr><td rowspan="6">Tática</td><td rowspan="2">Ofensiva</td><td></td><td>I/E</td><td>E</td><td>E</td><td>E</td></tr>
<tr><td></td><td></td><td>I/E</td><td>I/E</td><td>E</td></tr>
<tr><td rowspan="4">Formas de jogo</td><td></td><td>I/E</td><td></td><td></td><td></td></tr>
<tr><td></td><td></td><td>I/E</td><td>E</td><td>E</td></tr>
<tr><td></td><td></td><td></td><td>I/E</td><td>E</td></tr>
<tr><td rowspan="6">Condição Física</td><td rowspan="3">Capacidades Coordenativas</td><td>Orientação Espacial</td><td colspan="6" rowspan="6">Estes conteúdos serão desenvolvidos ao longo de todas as aulas através de situações não específicas, inerentes à execução das habilidades motoras e através dos exercícios propostos nas aulas</td></tr>
<tr><td>Equilíbrio</td></tr>
<tr><td>Coordenação</td></tr>
<tr><td rowspan="3">Capacidades Condicionais</td><td>Resistência</td></tr>
<tr><td>Força</td></tr>
<tr><td></td></tr>
<tr><td rowspan="6">Conceitos Psicossociais</td><td colspan="2">Segurança</td><td colspan="6" rowspan="6">Estes conteúdos serão trabalhados e desenvolvidos, ao longo de todas as aulas da presente unidade didática.</td></tr>
<tr><td colspan="2">Cooperação</td></tr>
<tr><td colspan="2">Empenho</td></tr>
<tr><td colspan="2">Fair-play</td></tr>
<tr><td colspan="2">Respeito</td></tr>
<tr><td colspan="2">Autonomia</td></tr>
<tr><td rowspan="2">Cultura Desportiva</td><td colspan="2">Regulamento</td><td>X</td><td>X</td><td>X</td><td>X</td><td colspan="2">X</td></tr>
<tr><td colspan="2">Arbitragem</td><td></td><td></td><td>X</td><td>X</td><td colspan="2">X</td></tr>
</table>

3.1.2.3 Plano de Aula

Figura 6 - Estrutura utilizada para o Plano de Aula

Professor: Filipe Amorim	**Ano/Turma:** **Nº de Alunos:**	**Data:** **Hora:**	**Aula nº:** **Sessão nº:**
Unidade Didática:	**Local:**	**Duração:**	**Material:**
Função Didática:	**Espaço:**	**Tempo Útil:**	
Objetivos: Técnicos: Táticos: Capacidades coordenativas: Conceitos psicossociais: Cultura desportiva:			

Parte	Situações de Aprendizagem	Objetivos Comportamentais	Componentes Críticas	Organização Alunos/Professor	Tempo

"O plano de aula é o último nível de planeamento" (Bento, 2003).

Esta foi a estrutura final utilizada para os planos de aula criados ao longo do ano, o ponto de partida para esta estrutura foi sugerido pela PC, mas com o decorrer das aulas foram feitos uns ajustes para, de forma clara e objetiva, conseguir colocar a informação necessária em cada uma das colunas, dificuldade sentida constantemente nos primeiros planos de aulas realizados.

O preenchimento do cabeçalho era bastante intuitivo e simples.

Na tabela principal, a primeira coluna serve para indicar qual a parte da aula que se trata (inicial, fundamental e final) sendo que todas elas têm a sua importância. A parte inicial serve para colocar os alunos no ponto ótimo de predisposição fisiológica e psicológica para a parte fundamental da aula, e a parte final para o retorno à calma, bem como, uma eventual discussão sobre os conteúdos que aprenderam durante a aula.

A segunda coluna "Situações de Aprendizagem" é para descrever de uma forma mais geral em que consiste o exercício, com toda a informação necessária. A terceira coluna representa os "Objetivos Comportamentais" onde estão descritos os comportamentos pretendidos em cada um dos diferentes momentos

do exercício. Na quarta coluna, a meu ver, outro dos campos mais importantes do plano de aula, as “componentes críticas”, onde estão descritas as palavras-chave e *feedbacks* para “guiar” os alunos de encontro aos objetivos e àquilo que é desejado que eles consigam realizar num determinado exercício. Na penúltima coluna, “Organização Alunos/Professor”, está descrita a forma como se pretende que os alunos se organizem quando estão a realizar o exercício e também quando estão em espera, bem como a posição ou movimentação do Professor pelo espaço da aula. Na coluna final, está descrito o tempo alocado para cada um dos exercícios.

Este foi provavelmente o instrumento mais importante e que mais me auxiliou principalmente nas primeiras aulas, devido à minha dificuldade em filtrar a informação mais importante e tentar memorizar para que, durante a aula propriamente dita, não me esquecesse de nada.

Nas primeiras semanas de aulas estive excessivamente “preso” ao plano de aula, muitas vezes necessitava de o consultar, tal era a preocupação em tentar cumpri-lo escrupulosamente, para, acima de tudo, levá-lo até ao fim para não falhar com nada do que estava planeado.

Com o passar do tempo fui-me tornando mais flexível no que diz respeito ao cumprimento do plano de aula, e a ter mais em atenção outros aspetos, por exemplo, conceder mais ou menos tempo de exercitação quando os alunos assim necessitavam, e tentar não intervir de acordo com o que estava previamente definido, mas sim agir mais de acordo com o que os meus alunos “pediam” de mim.

A partir de determinado momento fui percebendo que alguns dos campos a preencher tinham uma grande importância comparativamente a outros, como por exemplo os objetivos. Na minha opinião, o campo dos objetivos era o mais importante de todo o plano de aula, era aqui que definia o que pretendia que os alunos aprendessem e era maioritariamente em relação a este aspeto que incidia a minha reflexão quer no momento de elaboração do plano, quer no momento da aula, bem como na reflexão a fazer no final da mesma.

3.1.3 Realização

3.1.3.1 Controlo da Aula/Turma

No que diz respeito ao que foi a minha intervenção em contexto de aula de EF este foi o ponto em que mais dificuldades senti ao longo do ano letivo. Inclusivamente, antes da primeira aula e de sequer ter a oportunidade de conhecer os meus alunos, já antecipava que este iria ser um dos maiores desafios enquanto professor, devido às caraterísticas da turma que me foram sendo transmitidas por diferentes docentes da escola que já conheciam estes alunos.

Cheguei a ouvir de outros professores da escola frases como, “Ui, estás tramado”, “Ficaste com a turma mais complicada da escola”.

Para resolver este problema tentei variadíssimas estratégias ao longo do ano, numa primeira fase fui observando quais os alunos com mais comportamentos desviantes e ao mesmo tempo tentar colocá-los em grupos distintos ou adotando diferentes estratégias que fizessem com que estes não estivessem constantemente juntos. Resultou durante um determinado tempo, mas mais tarde verifiquei que havia 2 ou 3 alunos que conseguiam influenciar os colegas a adotarem comportamentos semelhantes.

Após verificar que esta estratégia já não estava a ter resultado, optei por tentar maximizar o tempo de empenhamento motor de todos os alunos durante a aula, por vezes adaptando exercícios previamente planeados para outros em que me fosse permitido ter todos os alunos em atividade ao mesmo tempo, isto fez com que tivesse que descurar um pouco na minha intervenção em relação às componentes críticas de determinada tarefa, mas, permitiu-me aumentar o controlo sobre a turma. Mais tarde verifiquei também que esta estratégia resultava quando os conteúdos abordados iam de encontro ao agrado dos alunos, caso contrário, já não estavam tão focados nas tarefas o que propiciava o reaparecimento de comportamentos desviantes.

De uma forma geral, para combater este problema, foi esta a forma que fui adotando ao longo do ano, sempre que uma estratégia ia deixando de ter o resultado pretendido, refletia sobre o assunto e tentava implementar uma outra.

Acredito que ainda assim, fui conseguindo que a turma fosse melhorando este aspeto durante o ano letivo, até porque no início do ano a PC sentia-se obrigada a intervir na aula em certas ocasiões para garantir o controlo da turma

e essas intervenções esporádicas foram deixando de acontecer ao longo do ano, apesar de nunca ter conseguido o total controlo de turma para obtenção de um clima de aula ideal e favorável a uma boa aprendizagem.

Também pelas reuniões de conselho de turma, me fui apercebendo que a maioria dos professores tinham mais queixas e problemas com a turma do que eu, inclusivamente com vários alunos a terem faltas disciplinares ao longo do ano noutras disciplinas. No entanto, nunca me conformei com esta situação e tentei sempre estratégias para superar este problema, apesar de ter chegado ao final sem conseguir o controlo desejado sobre a turma.

3.1.3.2 Regulamento da Disciplina

O regulamento da disciplina foi também um documento que já estava definido à partida, antes do meu primeiro dia na escola, como tal, eu e o restante NE não tivemos qualquer participação na elaboração do mesmo.

A nossa única preocupação em relação ao regulamento foi o de colocá-lo em prática, todos os dias, durante o ano letivo.

Considero que, principalmente em escolas como esta, o regulamento é algo que deve ser cuidadosamente pensado e elaborado, de forma a não dar margem aos alunos de poderem contornar as regras que nele estão indicadas. Isto foi exatamente o que veio a suceder ao longo do ano letivo, não só na minha turma, mas em todas as turmas que tive a possibilidade de observar, como a TP e as restantes turmas residentes dos meus colegas de estágio.

Relativamente ao material necessário para a aula, estava expresso no Regulamento, que todos os alunos deveriam ser portadores de:

"Equipamento desportivo adequado, apenas utlizado nas aulas de Educação Física." (Regulamento Específico da Educação Física, 2018)

Se assim não fosse, independentemente da quantidade de vezes durante o ano letivo que um aluno quebrasse esta regra, ser-lhe-ia aplicada apenas Falta de Material e teria que realizar um relatório da aula. Esta situação fazia com que, por absurdo, um aluno que não traga o material necessário, mas que fosse capaz de realizar um bom relatório de aula e participar em apenas metade das aulas,

comparecendo em momentos de avaliação, poderia não reprovar no que diz respeito à disciplina de EF.

Assim sendo, acredito que seria benéfico rever o Regulamento para o próximo ano letivo, para evitar ao máximo, dar margem aos alunos para contornarem este tipo de regras.

3.1.3.3 A experiência de lidar com alunos com NEE nas aulas de EF

Esta foi sem dúvida, de tudo o que vivi no ano de estágio, a experiência que mais me marcou.

No momento em que recebi tal informação confesso que foi algo que me assustou, quando soube das caraterísticas dos alunos da minha turma e que para além disso ainda teria 2 alunos sinalizados com Necessidades Educativas Especiais (NEE) e que se deslocavam em cadeira de rodas. Nesse momento dei a conhecer à PC estas minhas preocupações, assim como o facto de ser uma situação nova para mim, fi-lo também com o intuito de procurar alguma ajuda para conseguir arranjar um conjunto de ferramentas e estratégias para poder incluir estes alunos o mais possível na aula com os restantes alunos e não simplesmente colocar o "Joaquim" e o "António" (nomes fictícios) em exercícios isolados da restante turma.

Felizmente para mim a minha mãe é professora de alunos com NEE e, como tal, podia também contar com uma preciosa ajuda da parte dela, nomeadamente na melhor forma para lidar com alunos com estas caraterísticas e como os integrar na aula, visto que também ela acompanha os seus alunos nas aulas de EF.

No entanto, já tinha recebido a informação de que o "Joaquim" e o "António" não estariam presentes nas primeiras aulas, um por motivos de saúde e outro por ter uma intervenção cirúrgica marcada e depois ter de passar pela respetiva recuperação. Então, pensei:

(…) aproveitar as primeiras aulas para tentar criar estratégias de forma a garantir o controlo da turma tanto quanto possível para quando o "Joaquim" e o "António" começarem a participar nas aulas eu lhes consiga despender alguma atenção, enquanto os restantes alunos da turma realizam de forma um pouco

mais autónoma a tarefa em que estejam inseridos.

Diário de Bordo, 18 de setembro de 2018

À medida que as aulas foram passando, comecei a perceber que este objetivo que eu tinha ia ser mais difícil que eu pensava, o controlo da turma que eu conseguia ter foi melhorando aos poucos, no entanto ainda não o suficiente para me permitir desviar a atenção da tarefa momentaneamente, se o fizesse, certamente alguns alunos iriam aproveitar para voltar a adotar comportamentos desviantes. Assim sendo, na primeira aula em que o "Joaquim" participou, ao invés de criar uma situação de aprendizagem específica para este aluno, decidi alterar a situação de aprendizagem que estava planeada para a turma, de forma a poder incluir o "Joaquim" na mesma.

Curiosamente, a melhor aula que eu tive no que diz respeito ao controlo da turma até ao momento foi na primeira aula que o "Joaquim" participou a tempo inteiro integrado com a turma em todos os exercícios. Para contextualizar, esta aula foi referente à UD de Atletismo, onde foi abordada a disciplina de Corrida de Estafetas em que o objetivo principal abordado foi a transmissão do Testemunho. Chegou uma altura da aula em que eu tinha planeado colocar os alunos em atividade em determinado exercício, para logo de seguida falar com o "Joaquim", explicando-lhe de que forma ele iria integrar o exercício. Antes de eu sequer ter tido oportunidade de dar alguma instrução relativamente à forma como o "Joaquim" participaria, um outro aluno teve a iniciativa de ajudar o "Joaquim", movimentando a sua cadeira de rodas enquanto ele segurava o testemunho até à zona de transmissão seguinte permitindo ao "Joaquim" fazer a transmissão para o aluno que se seguia. Tendo visto esta atitude que me surpreendeu, optei por adotar uma atitude mais expectante em relação a este aspeto para ver o que sucedia, dediquei-me assim a virar a minha intervenção e feedback aos aspetos relacionados com o conteúdo que estava a ser abordado. Felizmente, com o decorrer da aula, verifiquei que esta atitude da turma para com o colega "Joaquim" não foi um ato isolado e depois da iniciativa do primeiro aluno, grande parte da turma replicou essa ação e foram, à vez, ajudando o "Joaquim" a realizar os exercícios e a integrá-lo na aula de forma exatamente igual aos restantes alunos.

Pessoalmente, este foi um dos momentos altos de todo estágio para mim,

principalmente no que diz respeito à minha turma, talvez o meu grau de surpresa em relação a este momento tenha sido também influenciado pelos comentários e desabafos que fui ouvindo de outros professores da turma em relação a estes alunos: “são uns mal-educados”, “não têm respeito por ninguém”.

Este foi um dos dias em que cheguei a casa mais feliz com o dia que tinha vivido na escola e são estes momentos que fazem valer a pena todo o trabalho que um Professor tem e o que me continua a fazer querer ser professor no futuro.

3.1.4 Modelos de Ensino

3.1.4.1 Instrução Direta (MID)

O MID carateriza-se por ser um tipo de modelo de ensino centrado no professor, de caráter prescritivo e unidirecional e de um estilo autocrático. É um modelo no qual, todas as decisões são tomadas pela pessoa que está a liderar o processo, neste caso o professor. Pessoalmente, prefiro modelos de ensino mais centrados no aluno onde este pode ter uma maior intervenção e onde possa ser potenciada a criatividade do aluno.

No entanto reconheço que este modelo tem as suas vantagens, nomeadamente em tipos de atividades nas quais a influência dos constrangimentos situacionais não é decisiva, como é o caso de modalidades desportivas em que as habilidades a ser aprendidas são de contexto fechado (Mesquita & Graça, 2009), como por exemplo a Ginástica e Atletismo e foi principalmente nestas duas UD que utilizei este modelo. Decidi também utilizar o MID, principalmente numa fase inicial do ano, não só pelos motivos referidos, mas também por ser um tipo de modelo que permite ao professor ter um grande controlo da atividade motora dos alunos e dos comportamentos dos mesmos. Motivo este que foi o mais decisivo, devido ao facto de a minha maior dificuldade com a minha TR ser em conseguir manter o controlo da turma durante a aula.

De referir também, que apesar de utilizar predominantemente o MID para as UD já referidas, nunca o utilizei a 100% cumprindo todos os pressupostos que a Literatura aponta como sendo as caraterísticas e tarefas a desempenhar neste modelo, optei sempre por utilizar uma metodologia hibrida.

3.1.4.2 Modelo do Ensino dos Jogos para a Compreensão/Teaching Games for Understanding (TGFU)

O TGFU é um modelo teórico que rompe que a ideia do ensino de técnicas e habilidades motoras de forma isolada, dando primazia ao ensino do jogo através da compreensão tática e da tomada de decisão do aluno/atleta.

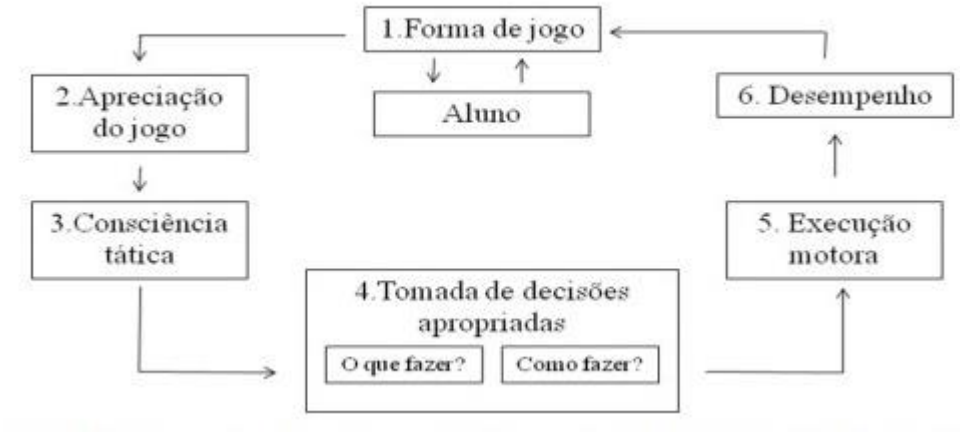
O Ensino do Jogo para a Compreensão, na prática, preconiza que os principais objetivos de aprendizagem em pressupostos táticos do jogo, podendo ser realizados em situação de jogo reduzida de modo a permitir uma participação de todos e, assim, motivar também à participação de cada um. Este modelo é também um modelo de ensino cuja origem se situa na teoria construtivista e

pretende colocar o aluno como construtor ativo da sua aprendizagem.

Para uma boa implementação deste modelo de ensino é imprescindível que o professor ou treinador tenha uma grande base de conhecimentos sobre a modalidade que está a ensinar, de modo a proporcionar aos alunos vivências, exercícios, situações, que simulem os constrangimentos que os jogos possam oferecer.

O TGFU é constituído por 6 fases, conforme apresentando na figura em baixo:

Figura 7 - Modelo de ensino do jogo para a compreensão – TGFU (Bunker & Thorpe, 1982)



Na figura está representado o modelo originalmente criado pelos autores acima citados, no entanto, têm existido sugestões de remodelação ao longo do tempo. Isto indica que o TGFU não é um modelo de ensino que esteja completamente fechado, havendo assim espaço para possíveis remodelações.

Com a utilização do TGFU pretende-se que a atenção que normalmente é dedicada ao desenvolvimento das habilidades técnicas e ao ensino isolado das técnicas seja deslocada para o desenvolvimento da capacidade de jogar através da compreensão tática do jogo, sendo o objetivo desta abordagem, ver o jogo como um espaço de resolução dos problemas ao invés de um momento para aplicar as técnicas da modalidade (Graça e Mesquita, 2007).

Na minha opinião pessoal, o TGFU é um modelo que se adaptava perfeitamente para o que pretendia transmitir aos meus alunos durante o estágio, principalmente na situação em que me encontrei, onde todas as Unidades Didáticas que lecionei eram bastante reduzidas, tendo no máximo entre 8 e 10

tempos letivos de 50 minutos.

Tendo em conta o reduzido tempo que tinha para ensinar uma determinada modalidade na escola, enquanto professor, a minha preocupação era tentar transmitir aos meus alunos o maior número de “ferramentas” possíveis para que estes pudessem perceber o jogo, e aprender o máximo possível sobre o mesmo. Assim sendo, este tipo de modelo que preconiza a compreensão tática do jogo, que é focado no aluno, seria a melhor opção que teria para o ensino dos Jogos Desportivos Coletivos. Optei por utilizar este modelo de ensino nas minhas UD de Basquetebol e Andebol. Não observei na turma melhorias muito assinaláveis nas habilidades, durante as UD, que acredito que também não foi alheio o facto de ter tido apenas cerca de 5 aulas de Basquetebol e 8 de Andebol. No entanto, a nível tático e de compreensão do jogo, principalmente na UD de Andebol, a diferença da primeira situação de jogo realizada na aula inicial, para a situação de jogo na aula final da UD foi possível verificar várias melhorias na maior parte dos alunos.

Neste sentido, acredito que tive algum sucesso, principalmente no Andebol e se fosse voltasse a lecionar esta matéria, neste momento, escolheria novamente este modelo de ensino.

3.1.4.3 MED

O Modelo de Educação Desportiva era o modelo em relação ao qual tinha maior expectativa de utilizar. Idealmente queria ter utilizado este modelo na UD de Basquetebol, principalmente por esta ser a matéria de ensino que iria lecionar durante este ano letivo, com a qual mais me identificava e sobre a qual o meu conhecimento era maior. No entanto, a única reticência que eu tinha era o facto de esta ser a primeira UD que iria lecionar e não tinha qualquer tipo de conhecimento sobre os alunos e a turma e como tal, seria um pouco arriscado começar logo pela implementação desse modelo. Também a PC, devido ao facto de conhecer os alunos desta turma, me aconselhou a deixar a implementação do MED para um momento posterior, e devido a essas duas situações, optei por adiar a implementação deste modelo.

Assim, olhando para o planeamento anual, decidi que iria implementar

este modelo de ensino na UD de Voleibol no terceiro período. Tinha, inclusivamente, intenção de fazer desta implementação do MED o meu objeto de estudo no Estudo de Investigação-Ação a realizar no âmbito deste estágio, no entanto, vi esta situação ser impedida em pleno terceiro período letivo, no momento em que ocorreu a inundação no pavilhão gimnodesportivo e todas as aulas de EF canceladas até ao final do ano.

3.1.5 Avaliação

Rosado et al. (2002) afirma que a avaliação é uma atividade de caráter subjetivo, avaliar é muito mais do que a atribuição de um valor de acordo com critérios que envolvem diversos problemas técnicos e éticos. Mesmo com critérios iguais e avaliando os mesmos alunos, dois professores diferentes podem avaliar os mesmos de forma distinta.

A avaliação foi outra das maiores dificuldades durante este ano letivo. Inclusivamente, houve necessidade de ir ajustando ao longo do ano a forma e os tipos de avaliação a utilizar devido a vários constrangimentos já referidos, nomeadamente relativos ao número de aulas disponíveis para cada uma das UD.

Inicialmente a minha intenção era utilizar todas as modalidades de avaliação, começando a minha atuação em cada uma das UD com um momento de AD, com o intuito de juntar a informação que recolhesse desse momento com a informação presente no PNEF, adaptando assim o currículo às caraterísticas e necessidades de aprendizagem dos alunos.

Depois, ao longo de cada modalidade lecionada e mesmo durante todo o ano letivo, em todas as aulas e num processo contínuo, utilizar também a Avaliação Formativa sobretudo em relação aos aspetos relacionados com a Condição Física, Conceitos Psicossociais e Cultura Desportiva da modalidade que estaria a ser lecionada no momento.

E, especialmente, no que diz respeito aos conteúdos técnicos e táticos da modalidade em questão, realizar um momento formal de Avaliação Sumativa.

Mas, a partir de certa altura, percebi que não faria sentido estar a despender 2 tempos letivos para a realização de momentos formais de AD e de Avaliação Sumativa, visto que grande parte das UD lecionadas ao longo do ano não tinham uma duração maior do que 7/8 tempos letivos.

Assim, para avaliar os meus alunos passei a utilizar apenas a Avaliação Formativa e apenas, em casos de dúvidas nas classificações a atribuir, criava uma situação formal de avaliação de forma a observar os alunos em causa e dissipar essas dúvidas. A exceção foi a UD de Ginástica onde os alunos teriam obrigatoriamente de criar uma Sequência Gímnica e realizar a respetiva apresentação. Passei, portanto, a fazer vários registos em grande parte das

aulas; na aula inicial para obter um diagnóstico da turma em determinada modalidade, mas sem despender uma aula exclusivamente para esse efeito e sobretudo, nas aulas finais para perceber se os objetivos definidos para as componentes técnicas e táticas eram atingidos.

Perrenoud (1992) afirma que a avaliação formativa é “a que ajuda o professor a ensinar e o aluno a aprender”

Entendida deste modo, a avaliação formativa pode ter duas modalidades distintas, mas que se complementam:

- “A normalmente designada por avaliação contínua, que ocorre informalmente em todas as aulas, como resultado da interação do aluno com o professor, com os colegas e com o próprio, e se revela nos desafios colocados, nos feedbacks emitidos, na adaptação das tarefas, na reorganização de grupos, nas decisões relativas a problemas de disciplina, etc.

- A outra, de carácter formal e pontual, de balanço da atividade realizada num determinado período de tempo, que ratifica a avaliação contínua e permite ao professor e ao aluno tomar decisões relativamente à orientação/regulação do seu trabalho”. (Carvalho, 2017)

No que diz respeito às técnicas e instrumentos de avaliação, Kirkpatrick e Hawk (2006), apresentam um conjunto de sugestões para definir o tipo de avaliação a realizar bem como o instrumento avaliativo a usar, sendo elas, o ter presente o conteúdo de ensino; as condições de avaliação e respetivas finalidades; para cada objetivo definir o seu respetivo peso na avaliação; escolher o melhor instrumento para cada um dos objetivos; escolher a dificuldade de cada item em função da sua finalidade; verificar a validade, se mede o que o avaliador se propôs a medir; aplicar em boas condições; e analisar os resultados.

3.1.6 Observação

Outra das tarefas atribuídas ao estagiário durante o ano é:

"Observar aulas que podem ser regidas pelo professor cooperante, pelos colegas estagiários ou outros professores de Educação Física da Escola/Agrupamento de Escolas onde realiza a PES."

In, Regulamento do Estágio

Cada observação de aula realizada, recaía sobre as quatro dimensões de intervenção pedagógica: a instrução, a gestão da aula, o clima da aula e controlo da turma. (Siedentop,1983)

Esta foi também uma das experiências mais enriquecedoras do estágio, tanto a observação de aulas propriamente ditas, como o momento posterior em que nos juntávamos enquanto núcleo, principalmente os PE, em que discutíamos quase sempre os pontos altos e baixos da aula do colega que tínhamos observado. Cada um fazia sempre a sua reflexão sobre a aula do colega e à medida que assistíamos a aula, comentávamos os aspetos que achávamos pertinentes, para no final darmos a conhecer as nossas perspetivas ao colega que lecionou a aula.

Constatei que é também observando aulas de colegas, que se consegue visualizar as mais variadas situações que podem passar despercebidas ao professor que está a lecionar e a tentar ter o controlo sobre a sua aula. Enquanto se tenta passar os conteúdos planeados, principalmente sendo o nosso caso, professores com pouca experiência, há situações que fogem do nosso alcance. É também, a partir destes momentos, que se tem a oportunidade de retirar algumas ideias de boas práticas e, posteriormente, aplica-las nas nossas aulas, facto este que veio mesmo a suceder.

Algumas das falhas que eu verifiquei que tinha, ou situações nas quais me apercebi que teria que melhorar no futuro, foram percecionadas aquando da observação de aulas de outros colegas. Isto demonstra a importância da observação de aulas, não só para ajudar o colega que foi observado a melhorar, como também para melhoria de quem observa. Todo o trabalho colaborativo é de extrema importância na vida de uma escola.

3.1.7 Reflexão

Para mim, esta é uma das caraterísticas mais importantes que um professor deve ter, para além da capacidade de comunicar e do domínio do conteúdo, a capacidade para refletir é crucial para o seu desenvolvimento profissional e para ir continuamente melhorando enquanto professor.

Tenho para mim que nenhum professor é perfeito na sua atuação, há sempre aspetos em que pode melhorar e, a capacidade de refletir sobre o que corre bem, ou o que corre mal, é o primeiro passo para que possa existir uma melhoria. Sem esta capacidade reflexiva é impossível evoluir.

Ao longo do tempo, desde que comecei a ser treinador e, posteriormente, passei a ser professor, fui desenvolvendo um lema que adotei para mim. “A culpa é sempre do treinador/professor”. Se algo num determinado exercício não correu conforme pretendido, foi porque enquanto planeei não consegui prever a possibilidade de tal situação ocorrer. Se houve um aluno que teve um comportamento menos aceitável, foi porque não consegui antever e criar medidas preventivas para impedir que tal coisa sucedesse. Claro que esta ideia não pode ser levada ao extremo sob pena de se atingir níveis de frustração que não são benéficos. Aprendi também a relativizar quando as coisas não correm como eu teria pretendido, mas sem nunca me conformar e mantendo a capacidade de refletir de forma a poder continuar a melhorar tanto pessoal como profissionalmente.

4. PARTICIPAÇÃO NA ESCOLA E RELAÇÃO COM A COMUNIDADE

4.1 Desporto Escolar

O Desporto Escolar (DE) era algo que aguardava com elevadas expectativas porque me poderia dar a possibilidade de estar envolvido num contexto diferente em relação às aulas de EF, em relação a uma das modalidades nas quais já trazia alguma experiência para este ano de Estágio, nomeadamente em contexto de treino, quer como antigo atleta, quer como treinador. Entre as duas modalidades em que tinha alguma experiência a única que estava disponível era o Basquetebol, como tal, a decisão a tomar foi bastante fácil. Também o meu colega Simão decidiu fazer parte do DE de Basquetebol. Esta decisão de optar por uma modalidade em que me considerava conhecedor e experiente em relação a outras deveu-se também à visão que tenho daquilo que é o DE.

Todas as expectativas que tinha criado em relação a este espaço saíram defraudadas, tudo aquilo que tinha antecipado enquanto mais uma experiência enriquecedora que poderia retirar deste ano de estágio, revelou-se uma grande desilusão. A sensação que tive durante todo o ano letivo no DE não foi a de estar a ministrar um treino de Basquetebol, mas sim a de estar como monitor numa qualquer atividade de tempos livres. A Professora que estava como responsável principal pelo DE de Basquetebol alertou-nos desde o início que grande parte dos poucos alunos que estavam inscritos e que compareciam por vontade própria, apenas o faziam para poderem jogar Futebol. Os restantes apenas faziam parte do DE devido ao facto de serem incentivados a isso pelos Professores de EF das respetivas turmas.

A expectativa que tinha inicialmente e, foi para isso para que me preparei, foi o de participar num contexto no qual os alunos iriam estar a treinar numa modalidade que gostam com o intuito de melhorar as suas capacidades e habilidades quer individualmente, quer enquanto grupo com a finalidade e participar no torneio interescolar.

A realidade que encontrei, e foi dessa forma que decorreu o DE de Basquetebol até ao fim do ano letivo, foi de níveis muito baixos de assiduidade por parte da maioria dos alunos inscritos, que quando decidiam comparecer, faziam os exercícios que tínhamos preparados para eles a muito custo e

contrariados, para no final poderem jogar futebol uns com os outros.

Considero que o DE foi um fracasso e um dos pontos baixos deste ano letivo para mim.

4.2 Visitas de Estudo

4.2.1 Visita ao Estádio do Futebol Clube do Porto, Dragão Caixa e Museu Futebol Clube do Porto

Esta visita de estudo foi organizada pelo GEF, e é uma visita de estudo feita habitualmente pela nossa escola. Todos os anos visitam o Pavilhão, o Museu e o Estádio do Futebol Clube do Porto. A escolha das turmas a participar nesta atividade é feita alternadamente para que todos os alunos da escola possam ter a oportunidade de participar nesta visita, pelo menos uma vez, durante os anos em que frequentaram a Pêro.

Apesar de o F.C. Porto não ser o meu clube de eleição, esta era uma visita que até aguardava com expetativa. A oportunidade de poder conhecer as instalações, palmarés e historial deste clube era algo que antevia com interesse. Só por aí, imagino o efeito que esta visita teria nos alunos que gostam de desporto e principalmente naqueles que são afetos ao clube. Infelizmente, por motivos de trabalho não tive possibilidade de participar nesta visita de estudo.

4.2.2 Visita ao Centro Náutico de Ponte de Lima

Esta foi uma visita de estudo organizada a propósito do trabalho de projeto no âmbito da flexibilidade curricular relativamente ao tema da "Água" e como forma de avaliação os alunos teriam que participar na visita e, posteriormente, realizar um trabalho individual relatando a experiência que viveram neste dia, bem como, aquilo que aprenderam durante a visita.

Esta consistiu em, na parte da manhã, os alunos poderem experimentar pela primeira vez a modalidade de Canoagem, e, ao mesmo tempo, aprenderem alguns termos específicos da modalidade e como manobrar a pagaia e a canoa. Como já tinha adquirido alguma experiência na modalidade durante a licenciatura, tomei a iniciativa de levar na minha canoa um dos alunos com mobilidade reduzida, para que este pudesse desfrutar ao máximo desta atividade. Durante a tarde, fomos fazer o Percurso da Lagoa, este é um percurso pedestre que se desenvolve na Área Protegida das Lagoas de Bertiandos e S. Pedro de Arcos.

4.2.3 Aula de surf na Praia da Azurara e visita à Nau Quinhentista e Alfândega Régia em Vila do Conde

Esta foi a terceira visita de estudo do ano letivo. Como já antecipávamos, a parte preferida desta visita para os alunos foi de manhã, quando tiveram a oportunidade de participar numa aula de Surf na Praia da Azurara. Para muitos, esta foi a primeira experiência nesta modalidade e cada vez que algum aluno se conseguia colocar de pé em cima da prancha todos os restantes iam ao delírio. Foi garantidamente uma atividade que os alunos adoraram.

Durante a parte da tarde, visitámos a Nau Quinhentista e Alfândega Régia em Vila do Conde. Ao invés de aproveitaram a visita para aumentarem o seu conhecimento e relembrar conteúdos da disciplina de História, grande parte dos alunos estiveram constantemente em conversa uns com os outros e com outros tipos de comportamentos desviantes. Apesar das nossas intervenções e de todo o esforço e profissionalismo das diferentes Guias, não conseguimos que os alunos aproveitassem este momento.

4.2.4 Visita ao Clube de Vela de Viana do Castelo e visita ao Navio-Hospital Gil Eanes:

Outra das tarefas que cabe ao Estagiário cumprir, é a organização de pelo menos uma atividade a realizar durante o ano letivo, assim, decidi que iria tentar organizar uma atividade desportiva para os alunos para ambas as “minhas” turmas, TR e TP. Para isso, tentei perceber com a Professora Helena e restantes professoras do GEF que atividades e modalidades desportivas já tinham sido proporcionadas aos alunos em visitas de estudo nos anos letivos anteriores, de forma a poder organizar algo que a maior parte destes alunos nunca tinha experimentado. Após ter feito a recolha dessas informações percebi que nunca esta escola tinha feito nada relacionado com a modalidade de Vela. Sendo eu de Viana do Castelo e por conhecer pessoas que trabalham no Clube de Vela local, aproveitei imediatamente a oportunidade para os contactar e saber se seria possível realizar uma visita de estudo ao clube. A resposta foi positiva e, em conjunto com o clube, ajustamos logo todos os detalhes, consegui inclusivamente que não fosse cobrado qualquer valor de forma a todos os alunos interessados poderem participar e marcamos a visita.

O que mais me surpreendeu pela negativa e me deixou frustrado foi o facto da maior parte dos alunos da minha TR não demonstrarem qualquer tipo de interesse em participar nesta atividade que eu decidi preparar para eles. Tivemos que abrir as inscrições também para as TR dos meus colegas de estágio para conseguir atingir o número de alunos suficiente para realizar a visita. Também nas turmas dos meus colegas não foi fácil fazer com que os alunos quisessem participar, mas com algum esforço, conseguimos juntar um grupo de alunos para realizar a visita.

Depois de toda esta dificuldade, o dia da visita fez com tudo tivesse valido a pena, a maior parte dos alunos adorou esta visita, principalmente a parte onde experimentaram andar num barco à vela. Fiquei mesmo contente quando ouvi alunos comentarem entre si que foi a melhor visita de estudo em que já tinham participado.

Para além da visita ao Clube de Vela e também devido ao facto de termos que separar os alunos em 2 grupos diferentes, surgiu a oportunidade de visitarmos o Navio-Hospital Gil Eanes.

4.2.5 Visita ao Parque Aquático de Amarante

A visita ao Parque Aquático de Amarante é o ponto alto do ano letivo para os alunos, desde o início do ano letivo que eu ouvia os alunos a falar desta visita de estudo, sobretudo nos intervalos. Esta visita que tem lugar no final de todos os anos letivos é também utilizada pelos professores para garantir que os alunos da escola que demonstram mais comportamentos desviantes durante o ano se sintam motivados a ter um melhor comportamento para que, não sejam impedidos de participar nesta visita.

Esta atividade fechou o ano letivo com chave de ouro, o comportamento de todos os alunos foi exemplar, o que fez com que nós, professores, não tivéssemos que estar constantemente preocupados em manter a ordem e pudemos deixar os alunos mais tranquilos.

4.3 Atividades do GEF

O GEF, como é apanágio, planeou diversas atividades não letivas realizadas na própria escola, estas atividades sendo realizadas ao longo de todo o ano letivo. Torneios individuais e inter turmas em diferentes modalidades realizados na escola, Corta-mato, Mega Sprint e Mega Salto, dia dos desportos tradicionais com materiais reciclados (flexibilidade curricular), festas de final de período e também uma atividade de Peddy Paper realizado no dia da Pêro.

As atividades do Mega Sprint/Mega Salto e do Corta-Mato são atividades que são realizadas todo o ano e organizadas pelo GEF, a organização destas provas foi bastante simples visto que apenas tivemos que manter tudo tal e qual como foi feito no ano anterior.

No final de cada período letivo o GEF organiza também torneios relativos a diferentes modalidades, estes torneios podem ser individuais, como por exemplo na modalidade de Badmínton ou inter turmas, nos desportos coletivos. A organização destes eventos esteve mais a cargo do nosso núcleo de estágio, com alguma ajuda da PC.

Estes torneios, à semelhança da visita de estudo ao Parque Aquático, são aqueles momentos em que os alunos, principalmente aqueles que mais gostam de atividades desportivas, mais desfrutam durante o ano. Devido ao clima de festividade que se sentia no pavilhão, até os alunos que não participavam apareciam na bancada do pavilhão para dar apoio aos colegas de turma que estavam inseridos no torneio. A maior dificuldade que eu e os meus colegas sentimos nos torneios foi fazer entender a alguns alunos o limite entre aquilo que são as emoções que sentimos nos momentos em que estamos a competir, com o que já são provocações desnecessárias principalmente em relação aos adversários. Devido a isto, em algumas ocasiões, tivemos que intervir e inclusivamente fomos forçados a excluir um aluno da competição, tendo este sido o único fator negativo nestes torneios.

Creio que este tipo de atividades não-letivas organizadas pelo GEF foram fundamentais para ir conhecendo melhor os alunos ao longo do ano, e para que os alunos nos pudessem conhecer melhor também fora do contexto da aula de EF.

A nível pessoal, senti que depois dos torneios realizados no final do

primeiro período, consegui criar uma melhor relação e confiança com boa parte dos alunos e vice-versa.

Para além de todas estas atividades descritas acima, existiram também muitas outras ao longo do ano, como por exemplo o “Dia da Sapatilha”, uma aula de Judo lecionada por uma escola de Judo localizada perto da escola etc. que apesar de nos terem “retirado” algumas aulas, serviu também para dar aos alunos um maior leque de experiências diferenciadas.

Considerações Finais

Terminada esta primeira experiência enquanto professor é altura de fazer uma última reflexão, um balanço final sobre todo este ano letivo. Foi uma etapa longa, por vezes difícil, mas sobretudo bastante enriquecedora a todos os níveis, e curiosamente, ou não, de uma aprendizagem enorme, mesmo tendo sido eu a assumir o papel de quem está a ensinar a alguém.

É difícil definir quais foram os aspetos mais importantes dentro de todo este percurso. Foi uma viagem tão enriquecedora que não posso deixar de citar todas as pessoas que me ajudaram, apoiaram, e me fizeram sentir como se já fizesse parte do pessoal docente da Escola Pêro Vaz de Caminha há muitos anos.

Em primeiro lugar, inevitavelmente, tenho que referir a importância dos meus colegas de NE, o André, o Rúben e o Simão, sem eles certamente teria sido uma experiência muito mais difícil. Ter alguém ao nosso lado que está no mesmo barco, que sabe exatamente aquilo por que estamos a passar e o que sentimos, e pela capacidade de nos ajudarmos mutuamente durante todo o ano foi de uma importância imensa.

Os PO e PC, nas pessoas do Professor Amândio e da Professora Helena, que partilharam comigo o seu conhecimento e experiência, me ajudaram em todo o processo mas ao mesmo tempo me conferiram confiança e autonomia na minha ação como professor.

Os professores que fizeram parte do GEF, que sempre se disponibilizaram para ajudar no que fosse necessário.

O restante pessoal docente e não docente que sempre tratou o nosso NE como se já fossemos professores nesta escola há muitos anos e nos fizeram sentir como qualquer outro professor da escola. Dentro do pessoal não docente tenho que referir o Senhor Vítor, responsável pelo Pavilhão da escola, que sempre esteve disponível e procurou garantir que estavam reunidas todas as condições necessárias para cada aula se realizasse conforme previsto, mesmo quando era preciso construir ou criar qualquer tipo de material para utilizar na aula.

Por último, mas que no fundo foram os mais importante e aqueles que mais me ensinaram e me fizeram crescer tanto pessoalmente como

profissionalmente, os meus alunos. Cada momento com eles, positivo ou menos positivo, cada aula, foi determinante para o meu desenvolvimento enquanto professor.

Para finalizar, se alguma dúvida existia em mim se era realmente a minha intenção futura, vir a fazer carreira enquanto Professor de EF, agora apenas tenho certezas de que realmente é esse percurso que quero continuar a seguir.

Referências Bibliográficas

Batista, P., & Queirós, P. (2013). O estágio profissional enquanto espaço de formação profissional. In P. Batista, P. Queirós & R. Rolim (Eds.), *Olhares sobre o Estágio Profissional em Educação Física*. Porto: Editora FADEUP.

Batista, P., & Queirós, P. (2015). (Re)colocar a aprendizagem no centro da educação física. In R. Rolim, P. Batista & P. Queirós (Eds.), *Desafios renovados para a aprendizagem em educação física*. Porto: Editora FADEUP.

Bento, J. O. (2003) Planeamento e Avaliação em Educação Física. Lisboa: Livros Horizonte

Carvalho, L. (2017). Avaliação das Aprendizagens em Educação Física. Boletim Sociedade Portuguesa de Educação Física, 0(10-11), 135-151.

Graça, A., & Mesquita, I. (2007). A investigação sobre os modelos de ensino dos jogos desportivos. Revista portuguesa de ciências do desporto, 7(3), 401-421.

Kirkpatrick, J. e Hawk, L. (2006). Curricula and Evaluation: Maximizing Results. Measuring and Evaluating – EBSCO, junho, vol.6º, nº6.

Lei n.º 46/86 de 14 de outubro (Lei de Bases do Sistema Educativo), alterada pelas Leis n.ºs 115/97, de 19 de setembro, e 49/2005, de 30 de agosto.

Matos, Z. (2016). Normas Orientadoras do Estágio Profissional do Ciclo de Estudos conduncente ao grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básicos e Secundário da FADEUP.

Mesquita, I. & Graça, A. (2009). Modelos instrucionais no ensino do Desporto. In A.Rosado & I.Mesquita (Eds.), *Pedagogia do Desporto*. FMH Edições.

Pereira, M. G. (2004). Percepções de justiça na adolescência: A escola e a legitimação das autoridades institucionais. Lisboa: Maria Gouveia Pereira. Dissertação de Doutoramento em Psicologia Social e Organizacional apresentada a Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa.

Perrenoud, P. (1993). Não mexam na minha avaliação! Para uma abordagem sistémica da mudança pedagógica. ln Estrela, Albano e Nóvoa, António, Avaliação em Educação: Novas Perspectivas, Lisboa: Educa.

Rosado, A., Dias, L., & Silva, C. (2002). Avaliação das aprendizagens em Educação Física e Desporto. In A. Rosado & C. Colaço (Eds.), Avaliação das aprendizagens: fundamentos e aplicações no domínio das actividades físicas. Lisboa: Omniserviços.

Ribeiro, A. S., Cavalcanti, J., & Cruz, M. (2010). Perspectivas actuais da Educação Intercultural na promoção de uma escola Inclusiva. Saber & Educar(15).

Siedentop, D. (1983). Developing teaching skills in physical education (2 ed.): Houston: Mayfield Publishing Company.

ANEXOS

Anexo 1 – Exemplo de Avaliação Diagnóstica

Nome		1			2			3			4			5		
		Aluno 1	Aluno 2	Aluno 3	Aluno 4	Aluno 5	Aluno 6	Aluno 7	Aluno 8	Aluno 9	Aluno 10	Aluno 11	Aluno 12	Aluno 13	Aluno 14	Aluno 15
Ataque c/ bola	Enquadra-se com o cesto															
	Passa a um colega em melhor posição															
	Lança ao cesto quando tem oportunidade															
	Dribla p/ o cesto; dribla p/ sair da aglomeração															
	Utiliza a ação técnica adequada à situação															
Ataque s/ bola	Afasta-se do portador da bola e cria boas linhas de passe															
Defesa	Coloca-se entre o jogador e o cesto															

Nível	Comportamento
1	Não realiza
2	Realiza por vezes, embora de forma ineficaz e descontextualizada.
3	Realiza, embora nem sempre de forma eficaz.
4	Realiza com eficácia e de forma contextualizada.
5	Realiza com eficácia e eficiência.

Anexo 2 – Exemplo de Avaliação Sumativa

	Nome	Aluno 1	Aluno 2	Aluno 3	Aluno 4	Aluno 5	Aluno 6	Aluno 7	Aluno 8	Aluno 9	Aluno 10	Aluno 11	Aluno 12	Aluno 13	Aluno 14	Aluno 15
Conteúdo	Sustenta o engenho sem agarrar															
	Engenho seguro entre a mão e o pescoço															
	Efetua uma flexão do MI antes do ato de lançamento															
	Efetua Rotação do tronco															
	Efetua extensão completa do MI na parte final do lançamento															
	Efetua extensão total do MS lançador, no final do lançamento															
	Lançamento válido + Distância (1, 2, 3, 4, 5)															
	Ajuizamento															

Nível	
1	Não cumpre nenhum critério
2	Cumpre 2 ou menos critérios
3	(Cumpre 3 critérios + distância = 2 ou +) ou (2 critérios + distância = 3 ou +)
4	(Cumpre 5 critérios + distância = 2 ou 3) ou (4 critérios + distância = 3 ou +)
5	(Cumpre 6 ou + critérios + distância = 2 ou +) ou (5 critérios + distância = 4 ou +)

Anexo 3 – Ficha Biográfica do Aluno

FICHA BIOGRÁFICA DO ALUNO

1. Identificação do aluno

Nome _____ N.º___ Ano ___ Turma ____

Data de Nascimento ____/____/____ E-mail _____

2. Dados relativos à saúde

Tens alguma dificuldade? ☐ Visual ☐ Auditiva ☐ Motora ☐ De linguagem

Tens algum problema de saúde? ____ Se sim, qual? _____

Já tiveste alguma lesão? ____ Se sim, qual? _____

Contacto a estabelecer em caso de urgência: _____

3. Dados relativos à vida escolar

A que horas costumas levantar-te? _____E deitar?_____

Tomas sempre o pequeno-almoço em casa? ☐ Sim ☐ Não, Onde?_____

Como te deslocas para a escola? ☐ a pé ☐ de autocarro

☐ de automóvel ☐ outro Qual?_____

Quanto tempo demora no percurso? ☐ 5 a 10 minutos ☐ 10 a 20 minutos

☐ 20 a 30 minutos ☐ mais de 30 minutos

Tiveste repetências? ____ Em que anos? _____Quantas vezes? _____ Qual foi a nota de Ed.Física que tiveste no ano anterior? _____ Quais as tuas disciplinas preferidas? _____

4. As seguintes perguntas são colocadas questões sobre os teus hábitos de atividade física, mas não te preocupes em acertar ou errar, porque não existem respostas certas ou erradas. Procura ser sincero nas tuas respostas.

Fazes parte de atividades desportivas fora da escola (num clube ou noutro sítio)?

☐ Nunca ☐ Menos de uma vez por semana ☐ Uma vez por semana ☐ Quase todos os dias

Participas em atividades de lazer (ocupação do tempo livre) sem integrares um clube?

☐ Nunca ☐ Menos de uma vez por semana ☐ Uma vez por semana ☐ Quase todos os dias

Para além das horas letivas, quantas vezes praticas desportos durante, pelo menos, vinte minutos?

☐ Nunca ☐ Menos de uma vez por semana ☐ Entre 2 a 3 vezes por semana ☐ Quase todos os dias

Fora do tempo escolar, quanto tempo por semana dedicas à prática de atividades desportivas ao ponto de ficares ofegante (respirar depressa e com dificuldade) ou transpirando?

☐ Nunca ☐ Entre meia hora a uma hora ☐ Entre 2 a 3 horas ☐ 4 horas ou mais

Praticas desporto? ☐ Sim ☐ Não Se sim, qual?_____ Federado? ☐ Sim ☐ Não Se sim, onde?_____

Participas em competições desportivas?

☐ Nunca participei ☐ Não participo mas já participei ☐ Sim, a nível escolar ☐ Sim, ao nível de um clube

Na tua opinião, qual é a importância da disciplina de Educação Física?

_____

_____

_____

Anexo 4 – Visitas de Estudo









Anexo 5 – Regulamento Específico da Disciplina de Educação Física

1- As aulas de Educação Física funcionam no Pavilhão Gimnodesportivo e no Espaço Exterior a isso destinado. Quando estão a decorrer aulas no exterior não é permitida a permanência no espaço de alunos que não pertençam à turma.

2- Só é permitida a entrada dos alunos nas instalações desportivas após o toque de entrada.

3- Os alunos devem zelar pela manutenção e limpeza dos espaços desportivos, balneários e corredores de acesso.

4- Qualquer aluno será responsável pelos danos que pratique, quer nas instalações, quer no material desportivo.

5- Todos os alunos deverão ser portadores de:

5.1. Equipamento desportivo adequado, apenas utilizado nas aulas de Educação Física (sapatilhas, meias desportivas, calção de desporto, camisola de desporto e fato de treino, quando está frio);

5.2. Utensílios de higiene pessoal (sabonete, toalha de banho e chinelos de banho, etc…).

6- Antes do início da aula, os alunos deverão:

6.1. Prender o cabelo, caso este seja comprido;

6.2. Retirar anéis, pulseiras, colares ou outros objetos que coloquem em causa a segurança individual e/ou coletiva durante a execução das tarefas solicitadas pelo professor.

7- Sempre que o aluno compareça sem o material imprescindível para o desenvolvimento das atividades na aula, o professor deverá registar a situação.

7.1. Ao primeiro, segundo e terceiro registo, o professor informará o encarregado de educação através da caderneta do aluno e comunicará ao diretor de turma.

8- Sempre que o aluno compareça na aula cinco minutos, ou mais, após o início da aula, o professor deverá registar a situação.

8.1. Ao primeiro, segundo e terceiro registo, o professor informará o encarregado de educação através da caderneta do aluno e comunicará ao diretor de turma;

8.2. A partir da terceira (inclusiva) ocorrência ser-lhe-á marcada falta. Neste caso, apesar da falta, o aluno deverá realizar a aula.

9- Os alunos não deverão trazer valores para esta aula (telemóveis, joias, relógios, dinheiro, …). No entanto, se o fizerem, é da sua inteira responsabilidade depositá-los no recetáculo disponibilizado para o efeito. Os respetivos valores só deverão ser levantados após a saída dos balneários.

9.1. Não é permitida a posse de telemóveis nos balneários. Caso se verifique tal situação, o aluno será punido com falta disciplinar e o telemóvel será entregue na direção.

10- Todos os alunos são obrigados a realizar aula prática de Educação Física, exceto os portadores de atestado médico. Estes, contudo, devem participar nas aulas de acordo com a orientação do professor, sendo obrigatório o uso de sapatilhas.

11- As aulas de Educação Física terminam dez e cinco minutos mais cedo, respetivamente, nas aulas de noventa minutos e nas aulas de quarenta e cinco minutos, para os alunos poderem cuidar da sua higiene pessoal e mudar de roupa.

11.1. O banho faz parte dos conteúdos programáticos da disciplina e como tal é de carácter obrigatório.

12- Todos os alunos deverão abandonar os balneários até ao toque de saída da aula.

13- Não é permitido a qualquer aluno se pendurar nas balizas, postes, tabelas ou aros de basquetebol.

14- Estão impedidos de participar nas atividades extracurriculares da disciplina de Educação Física todos os alunos que, durante o período a que se refiram as eventuais atividades, tiverem tido qualquer comportamento considerado pelo Grupo de Educação Física como inadequado, para qualquer elemento da comunidade educativa.

15- Todo o material desportivo é de uso exclusivo nas atividades do Grupo de Educação Física.

Anexo 6 – Critérios de Avaliação da disciplina de EF

Critérios de avaliação				
Saber Fazer	Habilidades Motoras		40%	60%
	Aptidão Física		10%	
	Projeto Individual		10%	
Saber	Cultura Desportiva	Regulamento	5%	10%
		Sinalética de arbitragem	5%	
Saber estar	Conceitos Psicossociais	Empenho, motivação e respeito	7%	30%
		Hábitos de higiene	4%	
		Cooperação e Fairplay	7%	
		Assiduidade e Pontualidade	5%	
		Participação, disciplina e autonomia	7%	